

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A ESTILÍSTICA LEXICAL E SINTÁTICA APLICADA A POEMAS

Gisele Palmieri (UERJ)

INTRODUÇÃO

O estudo da Estilística revela muito do conteúdo e da significação de um texto. Especialmente o literário.

Neste trabalho, em que o foco é a estilística léxica (a do efeito causado pela palavra) e a sintática (a do efeito causado pela relação das palavras numa frase), escolheu-se trabalhar com dois textos poéticos. São eles: “Os homens: as viagens”, de Carlos Drummond de Andrade e “Beija eu” de Marisa Monte. O primeiro, para a análise da expressividade lexical; o segundo, para a análise da expressividade sintática. Acontece, portanto, de haver alguns dados que se misturam. Como por exemplo, no poema de Drummond, foi inevitável fazer uma análise específica da expressividade sintática, que se ligava a outro da expressividade lexical. O que, afinal, não invalida a separação feita no corpo do trabalho, cujo objetivo foi dar maior ênfase a um ou outro tipo de estilística.

ESTILÍSTICA LEXICAL

O homem: as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeira na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
Pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro – diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
Vê o visto – é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com a justiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tiver?
Não- vê que ele inventa
roupa insidéravel de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Restam outros sistemas fora
do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilíssima e perigosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrir em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver. (ANDRADE, 1978: 20-2)

O poema de Carlos Drummond de Andrade descreve a busca do homem pelo desconhecido, pelo misterioso. Do homem que se cansa de ver a mesma coisa e quer descobrir, explorar novos lugares a nível espacial. Um homem audacioso e que quer dominar até os astros.

Já no início da primeira estrofe, o autor caracteriza a ousadia humana ao produzir uma metáfora pura¹:

“ O homem, bicho da Terra tão pequeno(...)”

Cada estrofe descreve diferentes etapas deste processo de busca, em que o homem tenta, mas não consegue seu intento. A idéia do que o homem pensa de sua vontade em experimentar, colonizar, civilizar e humanizar cada astro é expressa através do discurso indireto livre. Pode-se perceber a expressão do pensamento do homem, confundida com a do narrador no repleto uso de palavras evocativas – gírias e neologismos:

“ Marte humanizado, que lugar *quadrado*. ”

“ O homem funde a cuca se não for a Júpiter(...) repetir a fossa (...)”

“ O homem chega ao Sol ou dá uma volta só para tever?”

¹ – Metáfora pura: é a que apresenta apenas um termo de comparação. Segundo André Valente, é a mais requintada entre todos os tipos de metáforas.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

“ Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol”.

A gíria pode ser entendida claramente como a fala/pensamento do homem. Nos neologismos já se pode perceber a influência maior de um narrador, dado o sentido irônico que elas possuem como referência aos atos frustrados do homem:

“ Põe o pé e:
*mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.*”

Na última estrofe, há duas palavras fragmentadas com alto valor expressivo, remetendo-se ao conteúdo do texto: *col-onizar*(*radical latino oni- tudo, todo + sufixo verbal izar*) e *con-viver*(*com- prefixo companhia + infinitivo viver= viver com; viver consigo mesmo*) . Essa quebra de palavra recupera o sentido original da palavra. Sugere assim, que o homem, após romper os limites do mundo conhecido, através de viagens espaciais, deve fazer uma viagem *dangerosíssima*(neologismo formado a partir de estrangeirismo- *danger*- com sufixo – *íssimo*- que tem a intenção expressiva de exagerar, enfatizar) de retorno. Essa viagem se refere à volta ao seu próprio interior e como a fragmentação da palavra nos mostra o sentido original da palavra, o rompimento dos limites do mundo conhecido pode permitir ao homem o encontro consigo mesmo e a recuperação do verdadeiro sentido da vida.

ESTILÍSTICA SINTÁTICA

Beija eu²
(Marisa Monte)

Seja eu, seja eu,
Deixa que eu seja eu
E aceita o que seja seu
Então deita e aceita eu

² – A composição musical “Beija eu” é de autoria da cantora e compositora Marisa Monte. Existem duas versões métricas diferentes para esta composição; uma da própria autora e outra da Adriana Calcanhoto. A utilizada neste trabalho é a versão da Adriana Calcanhoto.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Molha eu, seca eu
Deixa que eu seja o céu
E receba o que seja seu
Anoiteça, amanheça eu

Beija eu, beija eu, beija eu
Me beija
Deixa o que seja seu
Então beba e receba
Meu corpo, no seu corpo
Eu no meu corpo
Deixa, eu me deixo
Anoiteça, amanheça

Seja eu, seja eu,
Deixa que eu seja eu
E aceite o que seja seu
Então deita e aceita eu

Molha eu, seca eu
Deixa que eu seja o céu
E receba o que seja seu
Anoiteça, amanheça eu.

Nas orações imperativas afirmativas os pronomes oblíquos á-tonos devem estar em ênclise(isto é, após o verbo). E, o pronome pessoal do caso reto “*eu*” (1ª pessoa do singular), só pode ser empregado na função sintática de sujeito.

A compositora de “ *Beija eu*” resolveu transgredir claramente estas normas da língua culta, a fim de dar maior ênfase em sua mensagem.

O que ressalta aos olhos ao ler “Beija eu” é a substituição do pronome pessoal oblíquo “*me*” (1ª pessoa do singular), pelo pronome pessoal reto “*eu*”, quando combinado com os verbos imperativos. Pronome colocado numa posição não aceita na norma padrão, visto que, como já foi dito, o pronome “*eu*” só pode ser empregado como sujeito.

A escolha de Marisa Monte, na utilização do pronome pessoal como complemento verbal no lugar do pronome oblíquo revela o alto poder estilístico de seu poema. O “*eu*”, no lugar do “*me*” dá maior destaque à subjetividade do eu lírico. A individualidade está ressaltada como um desejo de atenção que o eu lírico evoca.O uso do imperativo seguido de pronome pessoal nos lembra uma criança que a-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

inda não sabe construir sentenças lingüísticas normativas. Ela produz frases como, por exemplo, “- Levanta eu”; “-Pega eu”.

Este tipo de construção remete ao egocentrismo infantil ; egocentrismo de uma criança que precisa ser aceita.

Outro dado interessante é o emprego do verbo “ser” na primeira estrofe:

“ Seja eu, seja eu”.

Numa primeira leitura, pode-se achar que, como os demais, ele também está no imperativo, dado o forte poder apelativo da poesia. Porém, numa análise mais minuciosa, conclui-se seu emprego no modo subjuntivo. Assim, o “*eu*” é empregado como sujeito posposto ao verbo. É como se o eu lírico estivesse querendo dizer:

É necessário que [“*seja eu*”] aceita por você.

Na ordem direta ficaria: “ É necessário que *eu seja* aceita por você”. Este verbo no modo como foi empregado tem reforço na estrofe seguinte, quando o eu lírico diz:

“Deixa que eu seja eu”

Nesta passagem, o verbo está claramente posto no subjuntivo. E o pronome “eu” é usado como sujeito e complemento. No primeiro verso da primeira estrofe está insinuado um interessante jogo da centralização do ser evocado, com o emprego do verbo “ser”. Poder-se-ia até lê-lo como imperativo. A confusão se dá porque o verbo ‘ser’ na primeira pessoa do singular no modo subjuntivo e na terceira pessoa do singular no modo imperativo possuem a mesma forma. E, tanto o “eu” no lugar de sujeito “ é necessário que [*seja eu*] aceita por você” ou como complemento “*seja*[você] *eu*” possuem o foco na primeira pessoa do discurso. Estilisticamente, esse efeito põe em realce a vontade do ser no centro da atenção. Os demais verbos que estão no imperativo, estão na 2ª pessoa do singular, pois foi a escolha feita para pôr em igualdade fônica todos os verbos da poesia, ou seja, o verbo no imperativo e no subjuntivo com a mesma terminação desinencial. Melhor seria, ainda, explicar o emprego destas duas formas verbais como uma mistura de pedido ou ordem do eu lírico e a possibilidade ou hipótese do fato consumado.

Como destaque principal, pode-se ressaltar o refrão da composição musical:

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

“ Beija eu, beija eu, beija eu
Me beija...”

Após uma sucessão de combinações pronominais trocadas, uma pronome oblíquo no início do verso só ressalta o que têm-se afirmado. Como sabemos que não se inicia frase com pronome oblíquo, cabe destacar uma citação de Mattoso Câmara Júnior(1978: 68), a respeito da próclise: “ É que assim se consegue pôr estilisticamente em realce a própria pessoa, numa afirmação da tensão psíquica e da vontade”. E a esse realce da pessoa, estilisticamente, estendemos o uso do pronome “eu” após o verbo imperativo, no lugar do mesmo oblíquo utilizado no início da frase.

CONCLUSÃO

Foi feita uma análise objetiva dos poemas escolhidos para este trabalho. Priorizou-se uma análise dos dados expressivos mais evidentes. Com a exploração dos recursos da estilística, fica mais fácil observar os elementos utilizados pelos poetas para emocionar; atingir o leitor e compreender a mensagem que eles querem passar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do branco*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ANDRADE, Carlos Drummond. O homem: as viagens. In: CIPRO NETO, Pasquale. Gramática da língua portuguesa. São Paulo: Scipione, 1998, p. 112-113.

CÂMARA JR, Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 45ª ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2002.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. Vol. 8. São Paulo: T. A./ Bull: Biblioteca universitária de língua e lingüística, 2000.

MONTE, Marisa. Online: disponível na Internet
www.lettras.mus.com/adrianacalcanhoto